

## A intertextualidade no processo da tradução literária

Magdalena Nowinska<sup>1</sup> (USP)

### **Resumo:**

*Esta comunicação propõe analisar estratégias de identificação, análise e tradução de fenômenos intertextuais no processo da tradução literária. A discussão está relacionada a um trabalho em andamento, uma dissertação de mestrado que visa a apresentar uma tradução, anotada e comentada, de uma novela alemã, "Die Judenbuche" (1842), de Annette von Droste-Hülshoff. A novela é caracterizada por vários aspectos da intertextualidade, no sentido amplo do termo, desde relações entre textos propriamente ditos até a presença de diferentes discursos e idiomas no texto da novela. Esta comunicação pretende analisar as ferramentas e as estratégias disponíveis a uma tradutora para a tradução de alguns dos fenômenos intertextuais.*

**Palavras-chave:** tradução literária, literatura alemã, língua alemã, intertextualidade

### **Introdução**

O trabalho aqui desenvolvido constitui parte da pesquisa para uma dissertação de mestrado, cujo objetivo é a apresentação de uma tradução, anotada e comentada, de um texto literário no âmbito acadêmico. Em razão desse objetivo, a elaboração da dissertação não se restringe somente à tradução do texto, mas inclui também estudos de abordagens teóricas da tradução, na tentativa de reunir produtivamente o trabalho prático com a reflexão teórica. Neste trabalho, proponho uma análise das possibilidades da aplicação de reflexões teóricas acerca da intertextualidade a problemas concretos de tradução de intertextos em um texto literário. O texto literário em questão, o objetivo da tradução desta dissertação de mestrado, é a novela alemã "Die Judenbuche" (1842) de Annette von Droste-Hülshoff, ainda não traduzida para o português. As reflexões teóricas que constituem o ponto de partida desta análise são, principalmente, um modelo para a análise e tradução de intertextos, proposto por Basil Hatim e Ian Mason (HATIM; MASON 1990, 132-137) e as considerações de Brigitte Schultze (SCHULTZE 2004). Para questões pontuais foram considerados também outros trabalhos (cf. bibliografia). O trabalho começa com algumas reflexões gerais acerca da relação entre a tradução e a intertextualidade, seguidas por uma apresentação dos fenômenos intertextuais na novela. A análise é concluída com um exemplo de uma possível aplicabilidade dos modelos teóricos discutidos em um caso concreto de alusão literária.

### **1 Intertextualidade e tradução: algumas reflexões**

Desde que o termo foi introduzido por Julia Kristeva, o conceito de intertextualidade foi definido de várias maneiras, dependendo da relação entre o texto e o(s) seu(s) pré-texto(s) [1]. Manfred Pfister diferencia entre seis concepções de intertextualidade, que vão da concepção radical de toda a textualidade como intertextualidade - é a perspectiva semiótica, estabelecida por Julia Kristeva, que considera todo texto como uma citação do Texto cultural, no sentido definido por Barthes (1971[2006]) - até uma intertextualidade mais restrita, definida como qualidade de certos textos e constituída por referências entre textos concretos, gêneros ou discursos (cf. PFISTER 1985, 11-19). É em uma dessas perspectivas mais restritas, a saber, a intertextualidade como a presença de textos concretos dentro de um texto (como definida por GENETTE 1993, 10), que a intertextualidade é analisada neste trabalho. Essa presença de textos concretos, marcada ou pelo menos perceptível, é considerada, na crítica literária, um fator importante na construção de sentido do texto literário e atribui-se a ela a intencionalidade, ou seja, uma - na maioria das vezes, mas não necessariamente

(cf. IRWIN 2001, 291; SCHULTZE 2004, 950) - consciente inserção de um pré-texto no texto pelo autor [2].

A intertextualidade (nesse sentido restrito) confronta o tradutor, no processo da tradução, com problemas em diferentes níveis, resumidos por Brigitte Schultze (2004, 948) como quatro "desafios" ao tradutor:

1. o problema da identificação dos pré-textos pelo tradutor no texto de saída;
2. a questão da traduzibilidade dos pré-textos para a língua e literatura alvos;
3. a questão da receptibilidade dos pré-textos pelos leitores da tradução e
4. a questão da interpretabilidade dos pré-textos na cultura alvo.

O tradutor pode exercer, ativamente, influência sobre os primeiros dois pontos desta lista, pois a identificação e a tradução dos pré-textos fazem parte da sua própria atividade. Quanto aos dois últimos pontos, as questões da receptibilidade e da interpretabilidade dos pré-textos na cultura alvo, o tradutor não tem influência direta; no entanto, a consideração dessas questões no processo da tradução é parte da sua atividade como mediador cultural e influencia (ou deveria influenciar) as suas escolhas no momento da tradução.

O processo da tradução de intertextos começa, contudo, com o problema da identificação dos pré-textos no texto de saída e é esse também o ponto de partida do modelo de Hatim e Mason (1990, 134), que será usado neste trabalho como fio condutor da análise do exemplo (cf. tópico 3). Hatim e Mason desenvolveram o modelo, na verdade, para uso descritivo: para analisar estratégias de tradução em textos já traduzidos. Porém, por esquematizar todo o processo da tradução de intertextos, esse modelo parece-me interessante para um olhar inverso, um teste de sua aplicabilidade na praxe.

Partindo não de uma tipologia de relações intertextuais, mas de um conceito semiótico da intertextualidade - intertextualidade como "sets of relationships that materialize only through semiotic interaction" (HATIM; MASON 1990, 133) - o modelo considera a tradução de intertextos como uma inversão do procedimento da sua análise inicial. Essa consiste na identificação de um pré-texto dentro do texto original por meio de sinais intertextuais e é seguida por uma análise do pré-texto com base nas suas características, encontradas no texto de saída. Por via de uma inversão desse processo analítico, Hatim e Mason consideram a tradução como a inserção do pré-texto, traduzido, dentro do texto de chegada, junto com a sua marcação por meio de sinais intertextuais.

Para identificar um intertexto o tradutor precisa primeiro perceber eventuais sinais intertextuais - indicadores da presença de um pré-texto - dentro do texto de saída. Para Hatim e Mason, os sinais intertextuais são elementos "tangíveis" (HATIM; MASON 1990, 133) dentro do texto (de saída). Eles podem ser palavras, frases, sentenças ou textos, entre outros, mas eles não constituem necessariamente a própria referência intertextual. Os sinais têm a função de "crucial pointers" (idem), elementos textuais que iniciam o ato do processamento semiótico que, por sua vez, leva o leitor, neste caso o tradutor, a identificar um intertexto. Em outras palavras: o que chama a atenção de um leitor para uma referência intertextual não é necessariamente uma citação explícita de um outro texto, mas podem ser elementos no texto que fazem com que o leitor associe ou conote pré-textos.

Uma vez identificada (ou presumida) a presença de um intertexto, o leitor/tradutor parte, segundo Hatim e Mason, para a análise do pré-texto, de um ponto de vista formal (como elemento lingüístico) e de um ponto de vista discursivo (como elemento semiótico - texto, discurso, gênero). O objetivo da análise para a tradução é identificar o status semiótico da referência intertextual, ou seja, a função do pré-texto no texto de saída. Essa função é constituída, para Hatim e Mason, pelos

seguintes fatores: o caráter informacional da referência (aspectos formais), o caráter intencional (a sua função no texto) e o caráter semiótico (a interação da referência com o texto). O objetivo desta análise funcional é decidir "[...] which aspects of the sign are to be retained and which aspects must be jettisoned in the act of transferring that sign into another language" (HATIM; MASON 1990, 135). A necessidade dessa decisão - entre a preservação e o abandono de elementos intertextuais na tradução - toca nos fatores da traduzibilidade e da receptibilidade, citados por Brigitte Schulze (cf. acima): quais são os elementos que o tradutor deve/pode traduzir e como ele deve fazer isso para que a referência fique perceptível e interpretável também no texto traduzido? Hatim e Mason propõem, para essa decisão, uma hierarquia de prioridades na tradução de intertextos:

1. manter o caráter semiótico do intertexto;
2. manter a intencionalidade do intertexto;
3. manter a coerência textual;
4. preservar, se possível, o caráter informacional do intertexto;
5. preservar, se possível, o caráter extra-línguaístico do intertexto

(cf. HATIM; MASON 1990, 136, trad. MN).

É de maior importância, para Hatim e Mason, preservar o intertexto como signo também dentro do texto traduzido. Nessa hierarquia, eles dão preferência ao aspecto da receptibilidade antes da traduzibilidade: a função do intertexto e a sua interação com o "co-texto" (HEBEL 1991, 154) - ou seja, a coerência textual - têm, para Hatim e Mason, uma importância maior de que aspectos formais e discursivos, ou seja, o que mais deveria ser preservado no texto de chegada é a função do intertexto para o texto em questão - a construção de sentidos em um processo semiótico - do que a sua forma no texto de saída da tradução.

Douglas Robinson objeta que, se considerada literalmente pelo tradutor, a hierarquia de Hatim e Mason adquire um caráter normativo ou prescritivo, remetendo a modelos lingüísticos da tradução dos anos 60 e 70 do século passado, e pode significar uma redução das opções do tradutor (cf. ROBINSON 2002, 248-49). Parece-me que Robinson tem razão quanto ao perigo da normatividade, porém eu não descartaria a hierarquia de Hatim e Mason como necessariamente inadequada. Ela corresponde a um tipo de tradução denominado por Christiane Nord de "informacional" (NORD 1989, 103f), na qual a comunicabilidade é mais importante de que uma "fidelidade" à textura do texto de saída. O modelo de Hatim e Mason foi proposto para avaliar traduções no que diz respeito a esta comunicabilidade. Frente às várias funções que uma tradução pode ter (cf. NORD 1989, 102-104), essa hierarquia adquire, sem dúvida, uma certa relatividade. Porém, como já mencionei, o modelo de Hatim e Mason serve aqui apenas como um fio condutor da reflexão acerca de problemas de tradução, e não é considerado um "manual" da tradução de intertextos.

## **2 "Die Judenbuche" e intertextualidade**

As reflexões aqui apresentadas foram estimuladas por - e serão aplicadas a - uma tradução de um texto literário, a novela "Die Judenbuche", de Annette von Droste-Hülshoff.

A novela, ainda não traduzida para o português, foi publicada em 1842. Sua autora, Annette von Droste-Hülshoff (1797-1848), baseou a trama em um caso criminal real, ocorrido na sua época e na região na qual vivia, a Westfália. A novela conta a biografia de um camponês, Friedrich Merdel, suspeito de assassinar um judeu da sua região. O assassinato, contudo, não é contado na novela, nem se revela o autor do crime, ficando o fim aberto ao julgamento do leitor. O título da novela re-

fere-se a uma árvore, uma faia, embaixo da qual o assassinado foi encontrado e que adquire a função de uma "árvore de julgamento": após anos de escravidão na Turquia, que se seguiram à sua fuga da região após o assassinato, Friedrich Mergel volta para casa; inocentado da acusação de assassinato, ele é encontrado, um dia, enforcado na faia dos judeus.

A questão da culpa individual é colocada pela autora dentro de um contexto de questões éticas mais amplas. A trama acontece em uma região caracterizada como terra sem lei, na qual "as noções de justiça e injustiça dos habitantes haviam se tornado um tanto confusas" (DROSTE-HÜLSHOFF 1999, 9, trad. MN). Essa "confusão" é ilustrada na novela por meio de uma mistura de discursos. O discurso ético do Cristianismo encontra-se com o discurso judaico, as moralidades religiosas são contrapostas a discursos jurídicos e filosóficos. A esta variedade de discursos, para a qual a novela não oferece nenhuma síntese, soma-se uma forte presença de intertextos no sentido mais estrito do termo, isto é, a presença de textos dentro de textos (cf. acima). Os intertextos presentes na "Judenbuche" são citações e alusões, autênticas e inventadas pela autora, em alemão e em outras línguas, em alfabeto latino e hebraico [3].

A polifonia do texto apresenta um desafio para a tradutora. Diante da estratégia escolhida para a tradução – a de apresentar uma tradução "retrospectiva" (VERMEER 1990), voltada para o texto e intencionada a preservar os traços originais do texto da partida, na medida do possível – a questão que se impõe é a de como estabelecer um critério coerente para a transposição dos discursos e intertextos para o português. Para tanto, foram buscados e aplicados, em um modo de teste, modelos de tradução voltados a questões da intertextualidade, na tentativa de testar a utilidade de modelos teóricos, necessariamente abstratos, para uma estratégia concreta de uma tradução em andamento. Como forma de ilustração, esse procedimento é apresentado abaixo por meio de um exemplo de alusão literária dentro do texto da "Judenbuche".

### **3 Exemplo de procedimento: um caso da alusão literária**

O intertexto discutido aqui apresenta dificuldades já na fase de identificação (cf. acima, o modelo de Hatim e Mason). Em um trecho da novela, alguns elementos textuais chamaram a minha atenção durante a leitura. Friedrich Mergel, o protagonista, e sua mãe, Margreth, estão em casa sozinhos, em uma noite de nevasca, conversando sobre a possibilidade da volta, ainda nessa noite tempestuosa, do pai de Friedrich, Hermann Mergel, que saiu para um casamento. Vários sinais intertextuais evocam, a meu ver, um possível pré-texto literário desse trecho, o poema "Erlkönig" de Johann Wolfgang von Goethe (GOETHE 1782); são esses:

1. a estrutura dos diálogos no trecho;
2. a atmosfera de perigo, percebida pela criança, ignorada pelo adulto;
3. o elemento do fantástico e do ambíguo;
4. a confirmação da intuição infantil no final do trecho.

Ambos os textos parecem-se principalmente em respeito à estrutura dos diálogos: em ambos os casos trata-se de um diálogo entre uma criança e um adulto, sempre na forma de, por um lado, uma suposição ou pergunta da criança acerca de um suposto fenômeno sobrenatural - no caso de "Erlkönig", o personagem do rei dos elfos, no caso da "Judenbuche", ruídos da casa que parecem indicar a presença de uma ou várias pessoas - e, por outro lado, uma resposta negativa do adulto que rejeita as percepções infantis, atribuindo-as a meros produtos de sua imaginação. Em ambos os textos literários, os diálogos criam uma atmosfera de perigo, percebida pela criança e mediada ao leitor, mas não percebida (ou ignorada) pelo personagem adulto. Por apresentar essas duas percepções

incompatíveis, sem que o texto oferecesse uma solução do enigma, ambos os textos são caracterizadas por uma forte ambigüidade - qual das duas respectivas percepções é, no final, a correta? Essa ambigüidade é reforçada por meio de um léxico com vários elementos fantásticos: na novela, termos como *Kobold* ou *Teufel*, expressões como *zischte wie eine Schlange*; na balada, o imaginário do mundo dos elfos. Finalmente, tanto "Erlkönig", quanto o trecho citado de "Die Judenbuche", parecem confirmar - pela morte da criança no "Erlkönig" e pela morte do pai de Friedrich na novela - a intuição infantil; não a realidade dos fenômenos fantásticos, mas sim a intuição de um perigo.

Os sinais intertextuais descritos acima apontam, a meu ver, para uma possível referência ao "Erlkönig" no trecho da novela. Referências (explícitas ou implícitas) de textos (literários) para outros textos (literários), são comumente subsumidas sob o termo alusão [4]. Alusões, como aponta Hebel, são caracterizadas por um forte "potencial evocativo"; elas não somente direcionam a leitura para um outro texto no nível referencial, mas "enriquecem o texto que contém semanticamente a alusão, indo para além do nível de meras denotações" (HEBEL 1991, 138). Para Hebel, então, alusões "bem-sucedidas" (idem) podem mudar o rumo da leitura, da construção dos sentidos de um texto. A leitura do trecho de "Die Judenbuche" confirma, a meu ver, essa visão; se aceitar a presença do "Erlkönig" como dada, vários elementos textuais do trecho adquirem um novo significado, uma nova função:

(1) nos níveis lexical e semântico, a presença do poema como pano de fundo textual afirma a coesão no trecho, unido por meio do léxico fantástico e por meio da estrutura dos diálogos, como citados acima;

(2) no nível da trama, o intertexto fornece um motivo para o leitor duvidar da integridade de Margreth no decorrer da narrativa: indícios fornecidos pelo narrador mais adiante no texto da novela parecem indicar um papel ambíguo da mãe de Friedrich quanto à noite da morte do marido. No trecho discutido, a conotação do ambíguo "Erlkönig" permite especulações acerca da reação de Margreth às advertências do filho: do mesmo modo que, no poema, não fica, até o final, resolvido se o rei dos elfos pertence à imaginação da criança ou ao mundo textual do poema, no trecho citado de "Die Judenbuche" não fica claro se o bater na porta da casa realmente acontece ou se isso é um mero produto da imaginação infantil. Mais para frente, contudo, a narrativa parece apontar para a primeira possibilidade, insinuando, assim, que Margreth pode ter conscientemente ignorado sinais da morte do (odiado) marido (cf. BEGEMANN 1999, 134);

(3) por fim, a presença do poema romântico de Goethe na "Judenbuche" pode apontar para o distanciamento irônico da autora em relação a seus predecessores românticos. Em alguns pontos, a novela parece inverter, ironicamente, elementos do romantismo, uma bagagem herdada, pelos escritores do *Vormärz*, das duas épocas literárias passadas, o classicismo e o romantismo (cf. BEUTIN 2001, 261-267). Por meio de um léxico romântico - expressões como *Waldeinsamkeit* ou *Mondnacht* - a novela parece recorrer à tradição dessas duas épocas para aplicar esses elementos em contextos novos, distanciando-se, assim, por meio da ironia do patos romântico. Do mesmo modo, a leitura do "Erlkönig" no texto da "Judenbuche" poderia apontar para um distanciamento da autora da predileção romântica pela imaginação como um elemento de transgressão dos limites da realidade; o fantástico aponta, aqui, meramente para superstições populares [5].

Se aceitar a referência ao poema no trecho como dada, junto com as considerações de Hebel acerca da função de alusões, a tradutora vê-se confrontada com a problemática questão da traduzibilidade deste intertexto. A marcação do intertexto no trecho não é evidente. Os sinais intertextuais, descritos acima, são principalmente estruturais: elementos da estrutura do trecho referem-se ao poema de uma forma indireta. Embora uma marcação estrutural de alusões seja comum (cf. IRWIN 2001, 290), esse tipo de marcação não permite uma identificação inequívoca de um pré-texto; o intertexto cristaliza-se como associação do leitor, neste caso da tradutora; os elementos "tangíveis", postulados por Hatim e Mason, estão sujeitos à interpretação.

A essa questão está ligada também a questão da intencionalidade: sem uma identificação definitiva de uma referência a um pré-texto não é possível determinar se a alusão foi intencionada pela autora ou se se trata de uma "reminiscência" da parte dela - uma referência não pretendida (cf. SCHULTZE 2004, 950) - ou então uma "associação acidental" por parte da leitora (cf. IRWIN 2001, 291). Neste caso específico, a possibilidade de uma referência não deve ser excluída, uma vez que o poema cumpre a condição necessária - a de precedência cronológica - para servir como referência; "Erlkönig" era, além disso, um poema bastante conhecido no início do século XIX, popularizado, entre outros, por uma canção (*Lied*) de Franz Schubert de 1815. A questão que se impõe é a de se a identificação do intertexto aqui é uma mera impressão subjetiva da tradutora (como leitora) ou não. Nenhum elemento do trecho de "Die Judenbuche" remete ao "Erlkönig" literalmente; os sinais citados somente evocam associações, como já se disse. Essa é, porém, uma questão sem resposta objetiva. Para mim, os sinais intertextuais apontam para uma referência ao "Erlkönig" no trecho, embora o caráter latente dos sinais aponte mais para uma reminiscência, por parte de Annette von Droste-Hülshoff, do que para uma alusão intencionada [6].

No entanto, não só o caráter indefinido dos sinais intertextuais torna a tradução problemática. Os fatores da receptibilidade e interpretabilidade dos intertextos, apontados por Schultze, são também relevantes aqui. A tradução de uma referência intertextual deveria deixar essa referência perceptível para os leitores alvos da tradução. Faz parte da competência cultural de um tradutor poder avaliar essa perceptibilidade; Federici refere-se a esta competência como uma "bagagem intertextual" do tradutor (FEDERICI 2007). No caso do "Erlkönig", a evidência da presença do poema no imaginário literário no Brasil, se se considerar publicações de traduções, parece-me escassa: encontrei uma só publicação de uma tradução desse poema em uma antologia de poesia alemã dos anos 60 (GOETHE 1960). Além dessa tradução, encontrei algumas (outras) traduções dessa balada também em blogues de língua portuguesa [7]. Embora não sejam nenhuma prova empírica, acho justificado considerar esses poucos indicadores como comprovantes de uma recepção extremamente modesta do poema no Brasil.

Se a perceptibilidade do intertexto já não pode ser facilmente pressuposta, a questão da tradução torna-se ainda mais difícil. Uma estratégia possível para a tradução de pré-textos literários pode ser a utilização de traduções existentes, já que um intertexto pode estar mais presente na imaginação literária da cultura alvo por meio de traduções do que em original. A aplicação desta estratégia visa a evocar associações em "leitores cultos" (ECO 2007, 251); essa estratégia certamente é recomendável para textos clássicos e suas traduções canônicas, mas talvez funcione em um grau menor no caso de textos e traduções pouco conhecidos. Uma outra estratégia possível seria procurar um texto na cultura alvo que se parecesse com o texto aludido no texto de saída e usar expressões desse texto alheio como "traduções" do pré-texto do texto de saída. As chances de reconhecimento por parte de leitores da tradução parecem-me maiores, mas essa estratégia pressupõe uma certa "domesticação" (cf. VENUTI 1995) do texto traduzido.

Na hora da definição de sua estratégia, o tradutor deve, a meu ver, também considerar a função da sua tradução. Uma tradução filológica, no âmbito acadêmico, como essa aqui proposta, facilita a tarefa da tradutora, que pode, por meio de uma nota de rodapé ou um comentário, tanto marcar a presença da referência intertextual no texto de chegada, apesar dos sinais intertextuais vagos, quanto expor a sua própria reflexão acerca, por exemplo, da intencionalidade ou não dessa referência. No caso de uma tradução que impeça o uso desse recurso, o tradutor teria que decidir de antemão se pretende marcar a presença de uma referência vaga e aplicar o que considera a estratégia mais adequada para a sua tradução.

## **Conclusão**

Tanto o modelo de Hatim e Mason, quanto as considerações de Brigitte Schultze, expostos acima, parecem-me interessantes e úteis como fios condutores da reflexão no processo da tradução

de intertextos. A consideração de ambos pelo tradutor certamente aumenta a consciência para os possíveis problemas na tradução de referências intertextuais. No entanto, um dos fatores vitais no processo da tradução de intertextos é a questão da identificação de pré-textos pelo tradutor; uma ampla "bagagem intertextual" é indispensável para o tradutor como leitor. A competência cultural do tradutor pode (e deve) ser apoiada por meio de leitura de obras críticas sobre o texto de saída, da obra do autor traduzido etc. Na hora de traduzir, o tradutor não pode ignorar, também, as questões de receptibilidade e interpretabilidade, cujas dificuldades discuti no capítulo sobre a alusão.

## **Notas**

- [1] Um pré-texto é um texto ou um elemento textual ao qual um texto faz referência. A concepção de intertextualidade amplia o número de textos envolvidos no processo da tradução por mais uma posição e corrói, inevitavelmente, por sua natureza a concepção do "texto original" da tradução. Neste trabalho, os textos referidos intertextualmente serão chamados de "pré-textos" - no que diz respeito à sua qualidade como textos - ou "intertextos" - no que diz respeito à sua qualidade como signos.
- [2] Intencionalidade no sentido da (consciente) aplicação do intertexto, não no sentido de uma "intenção autorial" como uma suposta fonte de sentidos de um texto.
- [3] Para Begemann (1999, 117), o texto da novela transmite um sentido de perturbação, uma perturbação em uma época de transformações profundas: a insegurança de uma sociedade tradicional diante de transformações sociais, econômicas e filosóficas, que ficam visíveis em motivos como a ineficácia do direito e das leis ou a identidade instável do indivíduo dentro da novela. "Die Judenbuche", para Begemann, testemunha a desintegração da metafísica tradicional na época de Annette von Droste-Hülshoff, manifestando, assim, a sensibilidade de sua autora às radicais mudanças da modernidade e o mal-estar que ela traz consigo. Uma das estratégias textuais para expressar essa perturbação parece-me a polifonia de discursos e intertextos.
- [4] Hebel fala de uma "[...] over-arching category for divers devices for establishing verifiable intertextual relations" (HEBEL 1991,137). Para uma discussão ampla de possíveis relações intertextuais entre textos literários cf. Machacek (2007), Irwin (2001).
- [5] Begemann vê semelhanças, na descrição da intuição de Friedrich, à figura do *Vorschauer*, um vidente profético da cultura popular da Westfália, também mencionado por Droste-Hülshoff em uma outra narrativa de costumes da Westfália. O uso de elementos de superstições populares contribui ao "quadro de costumes" que a novela apresenta, entre outros. Essa tendência aponta na direção do realismo, mais do que, retrospectivamente, às tradições românticas. Cf. Begemann 1999, 124; no mesmo sentido Woesler 1984, 238.
- [6] Thomas S. Eliot escreve, num ensaio sobre a intertextualidade: "[...] the difference between the present and the past is that the conscious present is an awareness of the past in a way and to an extent which the past's awareness of itself cannot show" (ELIOT 1951, 16). Se o tradutor é um leitor, e uma tradução é uma interpretação de um texto pelo tradutor, será que tudo aquilo que o tradutor, como leitor, percebe, faz parte da sua leitura do texto e não pode ser ignorado?
- [7] Por exemplo em: [http://atorredebabel.blogspot.com/2005/07/os-limites-da-imperfeio\\_112019480269362518.html](http://atorredebabel.blogspot.com/2005/07/os-limites-da-imperfeio_112019480269362518.html) [último acesso: 06/06/2008].
- [8] Cf. por exemplo o artigo de Cieński (2004) sobre a questão da tradução de intertextos em Witold Gombrowicz, um modernista polonês, que parodia, em seus livros, textos antigos poloneses. Cieński afirma a importância desses intertextos para a leitura, mas objeta que uma marcação explícita demais desses intertextos pode mudar significativamente a leitura das obras de Gombrowicz.

## **Referências bibliográficas**

- BARTHES, R. (1971) Vom Werk zum Text. In: \_\_\_\_\_. *Das Rauschen der Sprache* (Kritische Essays IV). Übers. von D. Hornig. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006. 64-72.
- BEGEMANN, Ch. Kommentar. In: DROSTE-HÜLSHOFF, A. von. *Die Judenbuche*. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westphalen. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999. 81-136.
- BEUTIN, W. et al. (Hg.). *Deutsche Literaturgeschichte*. Von den Anfängen bis zur Gegenwart. 6. Aufl. Stuttgart: Metzler, 2001.
- CIEŃSKI, M. O sarmackiej swojskości - czy Gombrowicza można tłumaczyć nie znając literatury i kultury staropolskiej? In: SKIBIŃSKA, E. (red.) *Gombrowicz i tłumacze*. Łask: Leksem, 2004. 165-176.
- DROSTE-HÜLSHOFF, A. von. (1842). *Die Judenbuche*. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westphalen. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa*. Experiências de tradução. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ELIOT, T. S. Tradition and the individual talent. In: \_\_\_\_\_, *Selected essays*. London: Faber and Faber, 1951. 13-22.
- FEDERICI, E. The translator's intertextual baggage. *Modern Language Studies*, v. 43, n.2, 147-160, 2007.
- GENETTE, G. *Palimpseste*. Die Literatur auf zweiter Stufe. Übers. von W. Bayer und D. Hornig. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.
- GOETHE, J.W. von. (1782). Erlkönig. In: REICH-RANICKI, M. (Hg.). *Johann Wolfgang von Goethe - Verweile doch: 111 Gedichte mit Interpretationen*. Frankfurt am Main: Insel, 1993. 136f.
- GOETHE, J.W. von. O rei dos elfos. Trad. de J. Gomes. In: CAMPOS, G. (ed.) *Poesia alemã traduzida no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1960. 103-105.
- HATIM, B.; MASON, I. *Discourse and the translator*. London: Longman, 1990.
- HEBEL, U.J. Towards a descriptive poetics of allusion. In: PLETT, H. (Hg.) *Intertextualities*. Berlin: de Gruyter, 1991. 135-164.
- IRWIN, W. What is an allusion? *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 59, n. 3, 287-297, 2001.
- MACHACEK, G. Allusion *PMLA*, v. 122 n. 2, 522-536, 2007.
- NORD, Ch. Loyalität statt Treue. Vorschläge zu einer funktionalen Übersetzungstypologie. *Lebende Sprachen*, v. 34, n. 3, 100-105, 1989.
- PFISTER, M. Konzepte der Intertextualität. In: BROICH, U.; PFISTER, M. (Hg.). *Intertextualität*. Formen, Funktionen, anglistische Fallstudien. Tübingen: Niemeyer, 1985. 1-30.
- ROBINSON, D. *Construindo o tradutor*. Trad. de Jussara Simões. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- SCHULTZE, B. Spielarten der Intertextualität in literarischen Übersetzungen. In: KITTEL, H. et al. (Hg.). *Übersetzung - Translation - Traduction*. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung / An International Encyclopedia of Translation Studies / Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction. Bd. 1. Berlin: de Gruyter, 2004. 948-961.
- VENUTI, L. *The Translator's Invisibility*, London: Routledge, 1995.



VERMEER, H. Retro- oder prospektiv? - Bibelübersetzung als Beispiel. *Der Deutschunterricht*, v. 42, n. 1, 59-64, 1990.

WOESLER, W. (Hg.). *Annette von Droste-Hülshoff. Historisch-kritische Ausgabe. Werke, Briefwechsel. Bearbeitet von Walter Hüge. Bd. 5/2: Prosa, Dokumentation. Tübingen: May Niemeyer, 1984.*

---

<sup>1</sup> **Magdalena NOWINSKA, Mestranda**

Universidade de São Paulo (USP)

Departamento de Letras Modernas (DLM) / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais (FFLCH)

mnowinska@usp.br